

Psicologia Junguiana

A consciência e o cérebro

A Psicologia Junguiana é muito útil para os profissionais de saúde. Segundo a Teoria de Carl Jung (com conceitos de Psicanálise Freudiana), “psique” é a palavra usada para descrever a totalidade de nossos processos psicológicos, não se limita ao cérebro e à mente, incluindo uma parte física, uma parte mental e uma parte emocional. Para Jung a libido e as pulsões não eram exclusivamente sexuais, eram energia psíquica. Enquanto Freud “reduzia” a fantasia e a pulsão libidinal a uma única referência mitológica (Complexo de Édipo, do mito de Édipo Rei), Jung “amplificava” as pulsões a diversas mitologias de múltiplas culturas e eras. Jung defendia a noção de que existe um inconsciente coletivo que carrega esses mitos e arquétipos. Esse inconsciente consiste de imagens e padrões de comportamento que não são adquiridos ao longo da vida, mas que eram disponíveis à estrutura inconsciente individual.

Jung afirmava que “Nunca conseguimos conter uma imagem da totalidade porque nossa consciência é por demais estreita... A área do inconsciente é enorme e sempre contínua, enquanto que a da consciência é um campo restrito de visão momentânea.” Para Jung, a consciência é somente a ponta do iceberg, por debaixo dela encontra-se um substrato muito maior de recordações pessoais, sentimentos e condutas reprimidas, que Jung denominou de inconsciente pessoal, por baixo do qual existe o mar abissal do inconsciente coletivo. “Quanto mais fundo se vai, mais ampla se torna a base.”

Jung acreditava que o desenvolvimento de uma pessoa passa pelos mesmos estágios que o desenvolvimento evolutivo da espécie. Cada indivíduo contém dentro de si grande parte do registro da história evolutiva de sua espécie, entretecida na estrutura do seu corpo.

Para compreender isso, separamos o sistema nervoso em três cérebros separados, cada um deles situado sobre o outro e cada um deles representando um estágio da evolução:

- A parte mais elementar do cérebro, a medula espinal, ou “chassi neurológico”, é comum a todas as espécies, pois cuida das funções vegetativas, sendo indispensável para a vida, não é considerado um dos cérebros (esse sistema se relaciona principalmente com o tato e com a gustação simples);
- O primeiro cérebro é o cérebro reptiliano, ou complexo R, ou tronco cerebral desempenha um importante papel no comportamento agressivo, na territorialidade, no ritual e no estabelecimento das hierarquias sociais (esse cérebro se relaciona principalmente com a audição);
- O segundo cérebro, mais evoluído que o reptiliano, é o cérebro mamífero ou sistema límbico, que controla em grande parte as emoções, governando a consciência social e os relacionamentos, assim como a sensação de pertinência e importância afetiva, a empatia, a compaixão e a preservação grupal (esse cérebro se relaciona intensamente com o olfato e a gustação complexa);
- O terceiro cérebro e mais evoluído, é o cérebro primitivo ou neocórtex, que

controla as funções cerebrais superiores como o raciocínio, a deliberação, a linguagem, as tarefas complexas de percepção (principalmente a visão), sendo chamado também de “cérebro visual”.

Os períodos de tempo durante os quais cada um desses cérebros reinou podem ser considerados estágio de desenvolvimento da consciência. A extensão de tempo que cada um dos níveis se manteve corresponde, aproximadamente, à quantidade de controle que eles exercem sobre a vida dos indivíduos. O chassi neurológico é o mais indispensável à vida e dirige as funções autônomas do corpo. O cérebro reptiliano inicia a consciência na forma de instinto, o cérebro mamífero inicia a consciência emocional e o cérebro primitivo inicia a consciência racional. Temos certo grau de controle sobre nossos instintos e nossas emoções, tivemos tempo evolutivo para nos adaptar às funções límbicas e instintivas, sendo que tivemos mais tempo para nos adaptar ao sistema límbico, de forma que nos sentimos mais à vontade quando ele assume o comando do que quando os instintos reptilianos assumem o controle. Cada um desses cérebros tem seu papel no funcionamento orgânico e na vida social de cada indivíduo.

Não há, na realidade, uma demarcação clara e fixa entre os estágios da consciência. Para Jung, uma ampliação da consciência é sempre um esforço heróico efetuado por um indivíduo que se empenha contra o jugo de todos os outros que presumem que já sabem. Todo avanço em termos da consciência de massa ocorre mediante os esforços de muitas pessoas assim. Os grandes seres iluminados sempre ajudam os outros a evoluir. A consciência por si só às vezes é insuficiente para avançar. Quando aparece a necessidade, primeiro empregamos todos os esforços conscientes para evoluir e quando nenhum dos métodos de praxe funciona, depois de esgotados os esforços conscientes, a energia é deslocada para o inconsciente. No inconsciente o problema entra numa fase de gestação até que emerge uma nova abordagem para resolver a situação.

A consciência, portanto, se desenvolve em surtos, tanto para as espécies quanto para as pessoas. Enquanto o nível de compreensão vigente parece adequado para lidar com os problemas imediatos, poucas mudanças acontecem. Quando irrompem novas circunstâncias a consciência dá um salto.

No mundo antigo dos seres humanos, os sons eram o que regia a vida, depois da escrita a visão passou a reger a vida. O mundo auditivo era “intangível” e místico e as crenças populares e superstições refletiam essas características. Quanto mais limitado for o campo de consciência da pessoa, mais numerosos serão os conteúdos psíquicos (imagos) que lhe parecem ser aparições quase que externas a si. Após a invenção da escrita e da disponibilidade em massa de artigos escritos, o sistema visual passou a dominar a vida humana, esse mundo se tornou, então, tangível e baseado em causa-consequência. Tornamos-nos cientes de nossa própria identidade como seres separados de todas as coisas que nos rodeiam. O mundo à nossa volta e dentro de nós é contínuo, não existem demarcações reais de limites, essas demarcações são todas criadas pela consciência. Se tivéssemos uma visão mais precisa poderíamos até definir cada célula como uma entidade separada. Se tivéssemos uma visão pobre e um bom sistema de detecção de calor poderíamos definir um grupo de animais como uma entidade. A consciência é uma referência móvel, definida em grande parte por nossa existência como seres sensoriais, com limitações sensoriais bem definidas. Mexer na capacidade sensorial é mexer na capacidade de consciência.

A consciência fragmenta a totalidade do mundo em pequenos pedaços de um tamanho capaz de ser assimilado por nossos cérebros relativamente primitivos. Seja

o que for que aconteça na consciência, esse conteúdo tem que começar como uma imagem incipiente no inconsciente que só aos poucos emerge no campo da consciência. Com a dominação do cérebro visual, era inevitável que começasse a emergir um certo grau de consciência, principalmente depois que foi possível a fabricação de livros em massa e a maioria das pessoas teve a oportunidade de aprender a ler, desenvolvendo seu entendimento visual.

As memórias de eventos devem ser difundidas de maneira holográfica por todo o cérebro, quando o cérebro, então, registra o evento total, ou seja, todas as sensações e informações que vivenciamos numa determinada experiência. Somos capazes de fazer isso porque não estamos registrando cenas e sons individuais, mas sim captando a totalidade do momento. Isso acontece constantemente e chamar um evento de “momento”, na realidade é apenas uma divisão do tempo realizada pela consciência. Dadas as limitações do cérebro humano, é altamente improvável que o inconsciente coletivo esteja armazenado em cada cérebro individual, sendo mais viável que o cérebro seja um dispositivo de comunicação ao invés de um dispositivo de armazenamento. O inconsciente coletivo pode ser acessado por qualquer pessoa, está disponível sem limites de tempo ou espaço.

O próprio aprendizado acontece inicialmente no inconsciente pessoal, trocando informações com o inconsciente coletivo e passando aos poucos para o consciente. Por exemplo, quando estou passando por um caminho rotineiro e bem conhecido, volto boa parte de minha atenção consciente a uma infinidade de outras coisas, no entanto, chegando ao destino sem problemas. O mesmo acontece quando estamos lendo: não ficamos conscientemente prestando atenção a cada letra ou palavra, mas vamos rapidamente absorvendo o significado das sentenças e parágrafos. O quanto estamos conscientemente ou inconscientemente realizando uma tarefa não é algo determinado, é algo dinâmico e complexo.

Arquétipos e complexos

Durante momentos de ampliação de consciência os indivíduos não ficam automaticamente bem por entender uma emoção ou pulsão, depois de tudo que era pessoal se tornar consciente, ainda permanece um cerne de incrível poder emocional. Essa energia, em vez de esvaziar, sempre aumenta. Se o passado evolutivo está contido em cada indivíduo, ou lhe é acessível, só existem duas maneiras de poder aparecer na vida individual: 1) através de comportamentos no mundo externo que chamamos normalmente de instinto; e 2) através de imagens de nosso mundo interior, os chamados “arquétipos”. Jung usava o termo “arquétipo” para se referir a um padrão que está na raiz tanto de condutas instintivas quanto de imagens primordiais (aquilo que se espera de algo). Conforme se cava mais fundo nas camadas do complexo, as imagens e comportamentos vão se tornando cada vez menos pessoais e mais alicerçadas na experiência que o paciente tem de sua herança cultural, com ou sem conhecimento da imagem ou comportamento.

A conduta inata do inconsciente coletivo é desencadeada por estímulos externos específicos, processo chamado de imprinting. Ao longo da vida, cada indivíduo reveste os arquétipos (como o arquétipo social de “mãe”) com as características de suas experiências pessoais (característica de sua própria mãe) relacionadas a esse arquétipo. O resultado do arquétipo envolto nas camadas de experiências pessoais é o complexo. Quando um indivíduo vivencia uma situação relacionada a um determinado assunto (como a maternidade) ele recorre ao complexo interno relacionado ao arquétipo em questão (mãe).

Não é possível determinar quantos arquétipos existem. Existem tantos arquétipos quanto existem pessoas, lugares, objetos ou situações. Os arquétipos não tem fronteiras nitidamente marcadas, eles se fundem com outros arquétipos. Os arquétipos estão na base do processo de cura interior e crescimento, chamado de processo de individuação. Esses arquétipos são os arquétipos do desenvolvimento:

- Sombra: personifica todos os traços pessoais que foram ignorados ou negados, em geral representado por uma figura do mesmo sexo que o indivíduo;
- Anima/Animus: serve para nos conectar ao inconsciente coletivo, em geral representado por uma figura do sexo oposto ao do indivíduo;
- Self: arquétipo da totalidade e da transcendência, representado pelo velho(a) sábio(a).

O caminho para a auto-realização:

O caminho para a auto-realização se baseia na individuação, ou seja, em alcançar o verdadeiro self, que vai além do ego e da personalidade humana. Isso significa reconciliar o que somos (ego) com o melhor que poderíamos ser (self). Esse processo se dá em alguns estágios, mas consiste principalmente no desenvolvimento da relação entre a consciência e o self. Os estágios do caminho de individuação são, resumidamente:

1. O estágio da sombra: nesse estágio o indivíduo precisa se confrontar com sua própria sombra, numa tentativa de transcendência e totalidade;
2. O estágio do anima/animus: nesse estágio o indivíduo precisa equilibrar seus dois lados internos, masculino e feminino, a fim de ser inteiro;
3. O estágio do self: nesse estágio o indivíduo precisa buscar sua própria essência interior para compreender “quem sou eu”.

Além desses estágios, é importante ressaltar que cada indivíduo tem sua própria forma de realizar esse caminho. Jung estudou profundamente as diferenças entre as pessoas, criando os seus tipos psicológicos, que auxiliam os indivíduos no seu processo de individuação por mostrar que, acima de tudo, temos que respeitar nossa própria natureza para chegar à auto-realização.

Os tipos psicológicos:

Os tipos psicológicos de Jung se baseiam em quatro grandes dicotomias: duas atitudes, quatro funções (duas irracionais e duas racionais) e duas formas de atuação no meio ambiente (que indicam as funções principal, secundária, terciária e inferior). Cada uma dessas características indica uma preferência pessoal, mas todos os indivíduos tem a capacidade de desenvolver todas essas características, no entanto apresentando preferência, mais facilidade e naturalidade para desenvolver uma ou outra característica. Resumidamente temos:

- Atitudes: as atitudes se referem à direção da energia psíquica, ou seja, qual o mundo (interior ou exterior) preferencial do indivíduo.
 - Extrovertido: os extrovertidos dirigem sua atenção ao mundo exterior, são naturalmente comunicativos e gostam de tomar atitudes. As pessoas que tem essa preferência tendem a se envolver em diversas atividades e, por serem muito sociáveis, tendem a ter uma ampla rede de amigos e conhecidos. Se sentem mais à vontade no mundo, gostando de trabalhar em grupo e sentindo necessidade de sair com grupos quando estão muito

- exauridos. Podem ser pessoas impulsivas, às vezes não pensando antes de agir.
- Introvertido: os introvertidos dirigem sua atenção ao mundo interior, estão sempre observando o que está se passando em sua cabeça, seus pensamentos, suas reflexões e suas idéias. São pessoas mais reservadas (o que não significa que sejam tímidas), tendem a gostar de grupos pequenos e atividades individuais, tendendo a ter poucos relacionamentos mais intensos. Procuram se isolar quando estão muito cansados. Podem ser pessoas bastante cautelosas, refletindo muito antes de agir.
 - Funções irracionais: as funções irracionais se referem ao modo de obtenção e processamento de informações. Essas funções são as funções de percepção.
 - Sensação: as pessoas do tipo sensação dão mais atenção às informações que obtêm a partir de seu corpo e seus sentidos. Essas pessoas preferem o mundo concreto e confiam nos fatos e em sua experiência anterior. São pessoas focadas no presente (podem chegar a perder a visão de novas possibilidades por essa característica). Tem uma memória boa para fatos objetivos e procuram entender as coisas de modo preciso e detalhista, caminham dos detalhes à visão global. Em geral são pessoas pragmáticas e sentem prazer quando terminam uma atividade e tem o produto pronto nas mãos.
 - Intuição: as pessoas do tipo intuição preferem obter informações a partir de suas impressões sobre os padrões e significados de suas experiências, confiando mais em insights, símbolos e metáforas, os quais elas preferem às experiências concretas. Essas pessoas se preocupam com as possibilidades que as situações oferecem, mais do que com os fatos objetivos, focando-se no futuro e interessando-se por teorias e abstrações, gostando de atividades criativas e simbólicas. Tem uma memória boa para aquilo que intuíram ou observaram nas situações passadas e tendem a resolver problemas com raciocínio e insights. Costumam construir sua visão global e depois elaborar os detalhes da situação. Gostam mais do planejamento de atividades do que realizar concretamente as atividades em si.
 - Funções racionais: essas funções se referem ao modo de tomada de decisão, ou seja, a partir da informação obtida e processada pela função irracional, como que o indivíduo decide o curso de suas ações. Essas funções são as funções de julgamento.
 - Pensamento: as pessoas do tipo pensamento julgam o mundo a partir de lógica, objetividade e raciocínio. Se preocupam com a justiça das situações tentando sempre ser justas com os outros e consigo mesmas. Essas pessoas tem uma orientação técnica e científica quanto ao mundo e se preocupam com a verdade, percebendo facilmente inconsistências de fatos. Essas pessoas procuram explicações lógicas para os acontecimentos e acreditam que dizer a verdade é mais importante do que ter tato.
 - Sentimento: as pessoas do tipo sentimento julgam o mundo a partir de seus sentimentos e suas emoções. São pessoas amorosas e atenciosas, que se preocupam com o bem-estar de todos. Se orientam muito à comunicação com os outros e se preocupam com a harmonia entre as pessoas, percebendo facilmente desarmonias entre as pessoas e nos ambientes. Essas pessoas expressam suas preocupações com os outros

de modo emotivo, tem bastante compaixão e tendem a tomar decisões a partir daquilo que sentem. Acreditam que é mais importante ter tato do que dizer toda a verdade.

- Formas de atuação no meio ambiente: essa última dicotomia indica qual função, das quatro funções descritas (irracionais e racionais) é a utilizada no mundo externo.
 - Julgamento: as pessoas do tipo julgamento utilizam mais as funções racionais, de tomada de decisão, no mundo externo. Essas pessoas tendem a gostar de decidir, ou pelo menos ter as coisas decididas, a tal ponto de poder até pré-definir sua ação (ou seja, podendo, às vezes, tomar decisões sem informações suficientes). Elas preferem situações fechadas e se orientam às tarefas, costumando fazer listas de coisas a fazer e preferindo fazer todas as obrigações antes de seu lazer. Tendem a planejar seu trabalho para não ter que correr no final.
 - Percepção: as pessoas do tipo percepção usam mais as funções irracionais, de obtenção e processamento de informação, no mundo externo. Essas pessoas tendem a preferir situações abertas, nas quais elas podem coletar o máximo de informações possíveis antes de decidir, decidindo em cima da hora. Tendem a ser pessoas espontâneas e despreocupadas, não gostando de ter coisas pré-definidas e podendo perder o o momento ideal de se decidir algo. Essas pessoas gostam de considerar o trabalho um lazer ou misturar os dois e funcionam com explosões de energia, gostando de correr logo antes de prazos.

Funções principal, secundária, terciária e inferior: A partir da determinação da função utilizada no mundo exterior podemos identificar a função principal (a preferida das quatro funções descritas), que é aquela que é, por definição, usada no mundo preferido do indivíduo, ou seja, no mundo interior no caso do introvertido e no mundo exterior no caso do extrovertido. As funções secundária (aquela que ganhou maior escore na dicotomia que não inclui a função principal), terciária (a oposta na dicotomia da função secundária) e inferior (a oposta na dicotomia da função principal) são as outras funções em ordem de preferência e auxiliam no equilíbrio da personalidade.

Um conceito importante na teoria de Jung é o conceito de Individuação, que significa o “tornar-se mais semelhante a si mesmo”. Esse conceito se refere ao auto-conhecimento e ao processo de adquirir uma identidade própria, se identificar consigo mesmo ao longo do processo de auto-conhecimento. É importante que cada pessoa possa se conhecer profundamente para que possa entender seus pontos fortes e fracos, se dedicando a atividades com as quais terá mais facilidade e sentirá mais satisfação e segurança (pois as pessoas tendem a se sentir incompetentes quando tem de realizar uma atividade que requer um bom desenvolvimento de sua função inferior). Outro aspecto importante é desenvolver as funções com as quais tem mais dificuldade (funções terciária e inferior), pois é muito importante que se procure o equilíbrio dentro de todas as funções, afinal o ideal é que cada pessoa conheça seu tipo, seus pontos fortes, mas saiba também utilizar todas as suas funções dependendo da situação na qual se encontra.

Para determinar o tipo psicológico e as funções superior, secundária, terciária e inferior podemos utilizar testes que graduam as preferências pessoais (como o Keirsey, usado nesse estudo). Esses testes irão determinar, em linhas gerais, as preferências pessoais oferecendo pontuações em cada uma das duas atitudes, quatro funções e duas formas de atuação no mundo. Após essa pontuação, o tipo

psicológico do sujeito é descrito com quatro letras na ordem: atitude (E para extrovertido e I para introvertido), função irracional (S para sensação e N para intuição), função racional (T para pensamento-thought e F para sentimento-feeling) e forma de atuação no mundo (J para julgamento e P para percepção). Por exemplo: INTP, ESTJ, ENFP.

Para facilitar o entendimento, um exemplo, suponhamos que um indivíduo tenha realizado o teste do Keirsey e tenha obtido as seguintes pontuações: E=3, I=7, S=15, N=5, T=14, F=6, J=12 e P=8. Para descrever seu tipo psicológico iremos colocar as atitudes e funções com maior pontuação na ordem descrita acima, ou seja: ISTJ.

Para compreender as informações contidas nessas quatro letras podemos iniciar pela forma de atuação no mundo, em seguida observar as funções e por último a atitude, ou seja, dizer que a pessoa é do tipo ISTJ significa:

1. que a função que utiliza no mundo exterior é a função de julgamento (J), que no caso é pensamento (T).
2. se a função de julgamento é a utilizada no mundo exterior, então a função de percepção, que no caso é sensação (S), é a utilizada no mundo interior.
3. agora que sabemos qual função se volta a qual mundo podemos dizer qual é a função principal, pois essa é, como já foi dito, a função que se volta ao mundo de preferência, ou seja, nesse caso o mundo de preferência é o mundo interno (I=introvertido) e a função principal é a que se volta ao mundo interno (S=sensação).
4. a partir disso sabemos a função secundária, pois, se a função principal é de percepção (no caso, S), então a função secundária é de julgamento (no caso, T).
5. sabendo a função principal e a função secundária, podemos descobrir as funções terciária e inferior, que são as opostas às funções secundária e principal (respectivamente) nas dicotomias, ou seja, se a função principal é S, a função inferior é N, e se a função secundária é T, a função terciária é F.

Com isso conseguimos determinar a atitude e as funções principal, secundária, terciária e inferior do indivíduo, lembrando que isso tudo indica uma preferência e não uma característica absolutamente estática e que o entendimento dessas preferências é importante para o auto-conhecimento e desenvolvimento do processo de individuação.

Além disso, o Keirsey oferece a interpretação dos tipos psicológicos a partir de temperamentos. Existem quatro temperamentos determinados pelo Keirsey:

Artesão (são os tipos SP, ou seja, ESTP, ISTP, ESFPe ISFP): as pessoas desse temperamento tem habilidade artística natural (não somente pintura, escultura, música, teatro e dança, mas também atlética, militar, policial, mecânica, industrial e negociação). Se sentem à vontade no mundo real e concreto e gostam de manipular e construir objetos, dedicando sua atenção ao momento presente. Essas pessoas são sensíveis e observadores e adoram trabalho manual. São muito eficientes e agem de forma a alcançar seus objetivos o mais rápido possível, muitas vezes tendo atitudes corajosas e potencialmente arriscadas, adorando sua liberdade. Costumam ser pessoas extremamente charmosas e carismáticas, além de aventureiras, impulsivas, adaptáveis, competitivas e otimistas. Além disso são generosas e gostam de dividir seus ganhos com as pessoas queridas.

Guardião (são os tipos SJ, ou seja, ESTJ, ISTJ, ESFJ e ISFJ): pessoas desse temperamento são estáveis e tradicionalistas, gostam de servir os outros. Tem talento natural para gerenciamento e supervisão e procuram deixar tudo sempre

correndo de forma suave e natural em sua família, sua comunidade, sua escola, sua igreja e seu negócio. Gostam de se divertir, mas são extremamente sérios a respeito de seu trabalho, suas responsabilidades e suas tarefas, se orgulhando em ser confiáveis. Acreditam em leis e ordem e se preocupam se esses são seguidos. São pessoa práticas e acreditam em seguir regras de conduta com os outros. Não se sentem muito bem ao realizar tarefas diferentes de suas rotineiras e abrir caminhos novos, são muito cautelosos e extremamente fiéis e disciplinados, atuando bem em grupo para ter o trabalho bem feito no final, pois são meticolosos sobre horários e identificam bem métodos bons para alcançar os objetivos que o grupo deseja.

Idealista (são os tipos NF, ou seja, ENFJ, INFJ, ENFP e INFP): as pessoas desse temperamento se preocupam com crescimento e desenvolvimento pessoais, são muito intensas e procuram descobrir porque são como são e como podem melhorar. Gostam de auxiliar os outros a encontrar seu caminho da mesma forma que estão constantemente procurando seu próprio caminho. Gostam de trabalhar com pessoas de diversas formas (educação, terapia, serviço social, jornalismo, ministério público) e são muito inspiradores para os outros, servindo de modelo. Acreditam que gentileza e tato são as melhores formas de obter cooperação e atingir seus objetivos, não gostando de confrontos, brigas e discussões. Em geral conseguem promover relações harmoniosas nos ambientes. Ao mesmo tempo, tendem a ser românticos e irrealistas, se preocupando mais com as possibilidades do que as situações reais. Gostam de procurar novas possibilidades e sonham em mudar o mundo. São muito éticos e tem padrões bastante rígidos de integridade, sentindo que tem que ser verdadeiros com eles mesmos e com os outros, sendo bastante críticos quando percebem desonestidade, falsidade ou falta de sinceridade. No entanto tendem a ser mais generosos e amorosos na maior parte do tempo, principalmente em seus relacionamentos, que são poucos e muito próximos. Procuram ser bem vistos pelos relacionamentos próximos e se ressentem profundamente de brigas e desentendimentos.

Racional: as pessoas desse temperamento são bastante mentais e resolvem problemas rapidamente, principalmente aqueles relacionados ao mundo (biologia, física, química, computação, sistemas sociais, empresas, famílias). Dentro de seu campo de interesse, eles analisam a fundo todas as características a fim de entender o funcionamento do objeto de estudo e melhorá-lo. Procuram soluções reais e aplicáveis, mas estão mais interessados nos conceitos abstratos, fundamentos principais e leis naturais que regem os acontecimentos. São completamente pragmáticos e não se preocupam em agradar os seguir regras sociais que não fazem sentido para eles, dando maior atenção ao solucionamento eficiente de problemas. Ouvem com atenção quando alguém tem informações adicionais a lhes dar, mas perdem a paciência rapidamente se as pessoas se repetem, não levando em consideração aquilo que consideram perda de tempo. Tem uma fome insaciável de conhecimento para alcançar seus objetivos e entender os processos, sendo muito lógicos e independentes, não aceitando coisas que não sejam provadas. Se concentram muito e por tempo prolongado, podendo parecer distantes e distraídas. Valorizam inteligência profundamente e se orgulham de resolver problemas.

Resumo do livro “Guia Prático de Psicologia Junguiana” de Robin Robertson, Editora Cultrix, 1992.